



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**O USO DO CORDEL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS COMO FORMA
DE INCENTIVO À LEITURA**

Gildene Mayara Menezes
Mônica Duarte da Silva

João pessoa - PB

**Setembro 2013 GILDENE MAYARA MENEZES DE
MEIRELES**

MÔNICA DUARTE DA SILVA

**O uso do cordel na educação de jovens e adultos
como forma de incentivo à leitura**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal da
Paraíba, Campus I, em cumprimento
aos requisitos para a obtenção de
certificado de conclusão de curso de
Pedagogia.

**Orientadora: Profª Drª Marineuma de
Oliveira Costa Cavalcanti**

João Pessoa-PB

2013

M514u Meireles, Gildene Mayara Menezes de.

O uso do cordel na educação de jovens e adultos como forma de incentivo à leitura / Gildene Mayara Menezes de Meireles, Mônica Duarte da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2013.
48f. ; il.

Orientador: Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti
Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Educação de jovens e adultos. 2. Leitura. 3. Cordel. I. Silva, Mônica Duarte da. II. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 374.7 (043.2)

GILDENE MAYARA MENEZES DE MEIRELES

MÔNICA DUARTE DA SILVA

**O uso do cordel na educação de jovens e adultos como forma de incentivo à
leitura**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em
Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba como
requisito essencial para obtenção do Grau de Licenciado
em Pedagogia

Aprovada em: 11 de Setembro 2013

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti
Orientadora

Profª Ma. Laura Maria de Farias Brito
Profª Estágio V

Profª Drª Glória das Neves Dutra Escarião
Avaliadora
João Pessoa – PB
2013

Dedicamos este trabalho aos nossos pais, a todos os nossos familiares, as nossas amigas e colegas de curso e a todos os que, de alguma forma, contribuíram para o nosso crescimento acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, queremos agradecer a Deus, por estar sempre ao nosso lado, guiando-nos, protegendo-nos, dando-nos força e coragem para enfrentar os obstáculos que surgem em nossas vidas e os que surgiram no decorrer destes cinco anos no curso de Pedagogia, por permitir termos sempre ao nosso lado pessoas que nos apoiam, nos dão força e nos motivam a continuar nessa jornada em busca de conhecimentos.

A nossas mães, Maria Ildene Menezes de Meireles, Maria José Duarte Ferreira, e nossos pais, Gilvandro França de Meireles, Pedro Gonçalves da Silva, nossos maiores incentivadores e investidores de nossos estudos. Pelo amor, por acreditarem em nós, em nosso potencial e em nossas decisões pessoais. Aos nossos irmãos, pelo companheirismo, admiração e respeito. Enfim, a todos os nossos familiares.

A nossa orientadora, a professora Dra. Marineuma de Oliveira, por ter aceitado nos orientar, por apoiar nossas ideias, por sistematizar o nosso trabalho, intervir, quando necessário, e cobrar com sutilidade. Professora, pela sua dedicação e competente orientação, muito obrigada. Gostaríamos também de agradecer às professoras Laura Brito, que nos ensinou a amar a EJA, e a Glória Escarião, por nos ter motivado a trabalhar com a literatura de cordel.

As nossas amigas e colegas de curso, que contribuíram para que conseguíssemos chegar ao fim dessa graduação. Apesar de poucas, são o suficiente para perceber o quanto foram e são importantes para nós suas amizades.

Por fim, a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para nossa formação acadêmica: professores, funcionários, colegas de cursos e de alunos de outros cursos. Àqueles que acreditaram que nós conseguiremos concluir, muito obrigada.

RESUMO

Este trabalho monográfico apresenta algumas reflexões sobre a experiência que nós tivemos no estágio V, no Programa Escola Zé Peão, no canteiro de Manaíra, com alunos jovens e adultos de construção civil. A finalidade da nossa intervenção no estágio foi a de sensibilizar os alunos da EJA sobre a importância do hábito da leitura, através da literatura de cordel, que possui uma linguagem popular. Este trabalho está dividido em quatro importantes pontos de discussão, sendo a primeira parte dedicada à Educação de Jovens e Adultos, o que é assegurado por lei a esta modalidade de ensino, como estão índices de alfabetismo e alguns importantes eventos sobre ela; o segundo foi dedicando à leitura em si, a sua importância, às estratégias de leitura e aspectos sobre a formação dos leitores; já na terceira parte são tratados aspectos sobre a literatura de cordel, origem e particularidades estruturais; e, por fim, o momento de nossa experiência no Programa Escola Zé Peão, que obtivemos um resultado positivo, junto aos alunos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Leitura, Cordel.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Filmes e uma novela indicados aos alunos que de alguma forma têm personagem de cordéis ou que foram baseados em cordéis.....	46
Figura 2- Imagem interna do aparelho reprodutor masculino.....	46
Figura 3- Fotos da realização das atividades sobre o cordel com os alunos do Programa escola Zé Peão- Canteiro de Manaíra.....	47
Figura 4- Fotos da culminação e encerramento dos estágio V com os alunos e como o professor do Programa escola Zé Peão- Canteiro de Manaíra.....	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais idades, segundo Brasil e grandes regiões- 1999.....	17
Tabela 2- Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais idades - Brasil 1940/2010.....	17
Tabela 3- Taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais – 1995-2011- por unidades da federação e regiões metropolitanas.....	18

LISTA DE ABREVIATURAS DE SIGLAS

APL	Alfabetização em Primeira Laje
CEAA	Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos
CONFINTEA	Conferência Internacional de Educação de Adultos
CNBB	Confederação Nacional de Bispos do Brasil
EDUCAR	Fundação Nacional de Educação de Jovens e Adultos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FNEP	Fundo Nacional do Ensino Primário
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICAE	Conselho Internacional de Educação de Adultos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério de Educação e Cultura
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
PNAC	Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania
PBA	Programa Brasil Alfabetizado
PEZP	Projeto Escola Zé Peão
TST	Tijolo Sobre Tijolo
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL	12
2.1 BREVE HISTÓRICO DA EJA	13
2.2 DADOS DO ANALFABETISMO	16
2.3 POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	19
3. ALGUNS ESTUDOS SOBRE LEITURA	23
3.1 A APRENDIZAGEM DA LEITURA	25
3.2 ALGUMAS ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO DA LEITURA	26
3.3 ASPECTOS DA FORMAÇÃO DE LEITORES	27
4. UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL	28
4.1 CONTEXTO HISTÓRICO DO CORDEL	29
4.2 ALGUMAS PARTICULARIDADES DO CORDEL	29
5. O CORDEL EM SALA DE AULA: CONSTRUINDO SENTIDO	30
5.1 PROGRAMA ESCOLA ZÉ PEÃO	30
5.2 MOMENTO EM SALA	31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34
ANEXO	38

1. INTRODUÇÃO

A lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelece, como um de seus princípios, a “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber” (BRASIL, 1996).

Mais especificamente, em relação às escolas de educação básica, o citado postulado também encontra respaldo no artigo 22 da mesma LDB, em que se afirma que os estabelecimentos de ensino fundamental e médio têm a finalidade primordial de assegurar aos educandos os conhecimentos básicos para o exercício da cidadania, fornecendo-lhes, para tanto, os recursos e serviços necessários a sua qualificação para o trabalho na sociedade, tendo em vista a continuidade de seus estudos.

Faz parte da práxis pedagógica, entre outros procedimentos, proporcionar aos educandos situações de ensino-aprendizagem voltadas para a autoconstrução de conhecimentos. Dentre as estratégias adotadas para tal objetivo, encontra-se a atividade da leitura, foco de estudo do presente trabalho.

A formação de leitores nas séries iniciais do ensino fundamental é imprescindível para o sucesso escolar, pois ler corresponde a um ato de extrema complexidade, envolvendo processos linguísticos, cognitivos, comunicativos e também afetivos. Aprender a ler, portanto, não se reduz à capacidade de decodificar e dar sentido às palavras. O aspecto que podemos considerar cognitivo da leitura deve levar em conta o elemento afetivo.

Partindo desse pressuposto, nossa problemática propõe as seguintes questões: Como formar leitores nos primeiros ciclos? Quais as dificuldades que os jovens e adultos apresentam em relação à leitura? Quais as propostas pedagógicas que favorecem o desenvolvimento da leitura? Como o meio social influencia o hábito de ler? Como contribuir para reduzir o déficit de leitura?

Assim, temos como objetivo geral deste trabalho promover uma aproximação dos alunos da EJA com a cultura popular nordestina, a partir da utilização da literatura de cordel, como recurso pedagógico e material de leitura. E, partindo para os objetivos específicos do projeto, pretendemos incentivar a leitura; reconhecer e valorizar a diversidade literária do Brasil; estimular um olhar poético para a cultura nordestina; analisar com que frequência o cordel é utilizado em sala de aula.

As grandes dificuldades apresentadas por alunos em séries posteriores às iniciais revelam que vários dos problemas enfrentados pela maioria dos educandos estão relacionados a uma má escolarização, tendo como um dos principais fatores a falta de leitura e, em consequência, a não compreensão/interpretação dos textos. Sendo assim, comprometem seu aprendizado, tornando-se cada vez mais precária sua base de formação escolar. Partindo dessa problemática, vários estudos e pesquisas vêm sendo desenvolvidos na tentativa de ressignificar o ato da leitura, pois a leitura da palavra escrita está intrinsecamente ligada a uma leitura anterior, de observação e de compreensão do próprio mundo, no qual o leitor se insere, fato este reafirmado por FREIRE (2011 p.29), que diz: “Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”.

A leitura desse universo precede sempre a leitura da palavra. Sendo assim, “o ato de ler é um processo mais abrangente, pois envolve a compreensão de situações, sensoriais, emocionais, intelectuais, culturais, entre outros” (MARTINS, 1988, p.31).

Este trabalho tem como sujeitos os alunos da modalidade de ensino de jovens e adultos do Projeto Escola Zé Peão, especificamente os alunos do ciclo TST (tijolo sobre tijolo), do canteiro de obras de Manaíra, localizada na AV. Sapé, 1663, em João Pessoa-PB.

Foi desenvolvido a partir de uma metodologia qualitativa que busca a participação dos educandos, pois considera a existência de uma relação dinâmica entre mundo real e sujeito. No caso, os alunos tiveram a oportunidade de construir sua aprendizagem, a partir de temas que se relacionam diretamente com suas vidas, desenvolvendo, assim, nos alunos, uma reflexão crítica acerca de sua realidade e levando em consideração a problemática e os objetivos.

Quanto aos procedimentos técnicos, utilizamos a observação, um questionário e a exposição de uma breve contextualização da literatura de cordel. Iniciamos nossa intervenção interrogando os indivíduos que compõem essa amostra (alunos dessa modalidade), sobre assuntos de sua rotina de vida, para que dessa forma, pudéssemos ter noção do nível de leitura e de letramento em que estes alunos se encontravam. A partir disso, realizamos quatro visitas, com 2h de duração, ao canteiro, na qual elaboramos uma atividade visando à participação de todos os alunos no processo de ensino-aprendizagem.

A razão para o desenvolvimento desta pesquisa é contribuir para que os jovens e adultos tenham prazer e gosto pela leitura, e não apenas que decodifiquem as palavras, como na maioria das escolas, mas sim, compreendam o que estão lendo, para melhor assimilação dos conteúdos. Por isso, precisamos atentar para a necessidade urgente de intervenção nas escolas, oferecendo, dessa forma, possibilidades de contribuição no processo de ensino-aprendizagem para formação de leitores da EJA.

2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

Para iniciarmos este trabalho, iremos primeiramente contextualizar a Educação de Jovens e Adultos no Brasil. De acordo com a Constituição Federal do Brasil de 1988, a Educação de Jovens e Adultos é assegurada como um dever do Estado, tendo como objetivo geral da educação o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) estabelece, no capítulo II, seção V, a educação de Jovens e adultos como uma modalidade de educação básica. Em seu artigo 37, a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. Sendo assim, tal modalidade educativa se dedica àquelas pessoas que não concluíram ou não tiveram acesso ao ensino básico regular em idade apropriada.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (CNE/CEB Nº 1, DE 5 DE JULHO DE 2000) estabelecem que, como modalidade da educação básica, a identidade própria da EJA considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelo princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio. Esta também visa a assegurar um nível igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades, respeitando as diferenças e valorizando os méritos de cada qual, no desenvolvimento de seus conhecimentos e valores.

De acordo com o documento acima citado, a EJA tem três funções: função reparadora, que consiste em garantir os direitos civis e de uma escola de qualidade; função equalizadora, que vai dar cobertura aos trabalhadores, tendo como ponto de partida a igualdade de oportunidades; e a função permanente, que também pode se chamar de qualificadora e que corresponde à tarefa de propiciar a todos a atualização de conhecimentos por toda vida.

Tendo em vista o que iremos discutir a respeito da EJA, no decorrer deste trabalho, essas são algumas das informações mais importantes, pois nos dão uma visão legislativa de como se desenvolve no Brasil a educação de jovens e adultos.

A Conferência Internacional de Educação de Adultos, CONFINTEA, é o maior evento de envergadura internacional nessa modalidade educacional. Logo, até o ano

atual, seis conferências foram realizadas em diferentes regiões, em busca de melhorias, direitos e de expor a importância que se tem de investir nessa modalidade, pois as taxas de analfabetismo preocupam, principalmente para o desenvolvimento dos Países, para questões sociais e trabalhistas.

2.1. BREVE HISTÓRICO DA EJA

Ao longo da história do Brasil, constata-se a necessidade de políticas para a educação de jovens e adultos, que, inicialmente, eram focadas e restritas apenas aos processos de alfabetização, de modo que a conquista dessa modalidade de educação é recente e se deve, em parte, às propostas desenvolvidas por Paulo Freire, que teve como um de seus objetivos a formação de cidadãos numa perspectiva crítica.

Durante muito tempo, a educação de jovens e adultos esteve ligada aos interesses políticos e econômicos dos dominantes, devido a eles acharem ou entenderem que, para se deixar de ser analfabeto, bastava o domínio superficial da leitura e da escrita, pois, dessa forma, seria possível manter a “ordem social” instituída. (COSTA, 2009, p.65).

Na visão política, o surgimento da EJA no Brasil é de interesse da classe dominante, que queria manter o seu poder na sociedade, porque, se os analfabetos soubessem ler e escrever, poderiam votar, e, por serem recém-alfabetizados, poderiam facilmente ser enganados. Antigamente, quem só tinha poder de voto eram os homens alfabetizados, ou seja, os analfabetos eram excluídos do contingente eleitoral.

Do ponto de vista econômico, a EJA surgiu no Brasil como uma opção de qualificação de mão-de-obra para atender às demandas do processo de industrialização, ou seja, ela tinha como principal função a formação de indivíduos autômatos, sem nenhum senso crítico.

Foi por meio de Reforma de João Luiz Alves (Ministro da Justiça e Negócios, no governo de Artur Bernardes), que surgiu o ensino noturno para jovens e adultos, com o objetivo de atender aos interesses da elite. Por volta de 1930, iniciava um movimento contra o analfabetismo, que foi mobilizado por organismos sociais e civis, que também compartilhavam do mesmo intuito da classe dominante, que era o de aumentar o contingente eleitoral.

Com a Constituição Federal de 1934, foram instituídas no Brasil a obrigatoriedade e a gratuidade de ensino primário para todos, e também neste mesmo ano a educação de jovens e adultos era tema de políticas públicas. Com a criação do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP), em 1942, a educação de jovens e adultos foi firmada a dotação de 25% dos recursos FNEP, destinado, especificamente, ao ensino da população adulta analfabeta, ou seja, 25% do FNEP foi voltado, especificamente, para a alfabetização de adultos.

O período pós-segunda guerra mundial foi marcado por grande interesse por campanhas nacionais de alfabetização em massa, objetivando, sobretudo, atender à população do meio rural. A disseminação da EJA, nesse mesmo período, foi interesse de organismos internacionais, sendo a UNESCO responsável pela difusão da educação de jovens e adultos, pois ela passa a estimular a criação de programas nacionais de educação de adultos analfabetos e cria um conceito de educação funcional, que propunha a necessidade de se desenvolver uma metodologia especial para a educação de adultos. (COSTA, 2009, p.66).

Dentre as campanhas governamentais de erradicação do analfabetismo no Brasil, até então entendida como educação de jovens e adultos, podemos destacar: Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos- CEAA (1947, Governo de Eurico Gaspar DURTA); Campanha Nacional de Erradicação de Analfabetismo (1958, Governo de Juscelino Kubitschek); Movimento Brasileiro de Educação de Base (1961, Confederação Nacional de Bispos do Brasil- CNBB); Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL- Governos Militares, 1970-1985); Fundação Nacional de Educação de Jovens e Adultos- Educar (1985, Governo José Sarney); Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania- PNAC (1990, Governo Fernando Collor de Mello); Declaração Mundial de Educação para Todos (1993, assinada pelo Brasil em Jomtien, Tailândia); Plano Decenal de Educação para Todos (1993, Governo Itamar Franco); Programa Alfabetização Solidária (1997, Governo de Fernando Henrique Cardoso), Programa Brasil Alfabetizado- PBA (2003, Ministério da Educação- MEC, que continua atuante).

Pelo grande percentual de campanhas e programas de erradicação do analfabetismo no Brasil, percebemos o quanto esse problema é grave, em grande parte devido à baixa qualidade, ou seja, por não levarem em consideração, no processo educacional, as diferentes realidades vivenciadas pelos alunos, e por serem aplicados com escassez de recursos financeiros.

Uma experiência que merece destaque foi o Programa Nacional de Alfabetização, que se fundamentou em algumas ideias de Paulo Freire. Paulo Freire idealizou uma pedagogia que partia do ponto da efetiva participação dos educados como sujeitos ativos no processo educativo, a partir de sua história e de sua realidade. Sua proposta educativa batia de frente com os interesses das classes dominantes em manter seus status, uma vez que a concepção educativa tinha, como princípio fundamental, a conscientização dos homens, e isso colocava em risco esta classe.

Diante do exposto por este breve histórico sobre a educação dos jovens e adultos no Brasil, percebemos como esta foi sempre marginalizada pela sociedade, estando, portanto, fora do interesse das classes dominantes, devido à mesma correr riscos em relação ao seu status de poder e privilégios.

Ler sobre a educação de adultos não é suficiente. É preciso entender, conhecer profundamente, pelo contato direto, a lógica do conhecimento popular, sua estrutura de pensamento em função da qual a alfabetização ou a aquisição de novos conhecimentos tem sentido (GADOTTI, 2003). Portanto, é fundamental valorizar mais as relações interpessoais, o conhecimento prévio de cada aluno, o que eles têm a dizer, a cultura de cada um, entender a sua cultura e a sociedade em que eles vivem.

Desde os anos 50 até hoje, os materiais didáticos utilizados em programas da EJA ainda não superaram uma visão infantilizada da educação de adultos (GADOTTI, 2003). Logo, podemos observar como é grande o descaso de alguns estados, sobre a necessidade de melhora na educação dos jovens e adultos. Percebemos, também, o desrespeito para com esta modalidade de ensino, renunciando toda a história de vida destes cidadãos.

“... percebemos a impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política. Entendemos então, facilmente, não ser possível pensar, ser quer a educação, sem que se esteja atento à questão do poder” (FREIRE 2011).

2.2. DADOS DO ANALFABETISMO

Antes de mais nada, faz-se necessário compreender o que é alfabetização, que, a nosso ver, a partir de algumas leituras sobre o tema, corresponde a um processo, contínuo e complexo, individual de aquisição de habilidades de leitura e de escrita para uso social. O conceito alfabetização está relacionado com o de letramento, que corresponde ao uso das coisas do mundo letrado para o uso social sem necessariamente saber ler e escrever. Dito de outra forma:

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual. O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita. Entre outros casos, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades quando adotam um sistema da escritura de maneira restrita ou generalizada; procura ainda saber quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas (TFOUNI,2000).

O conceito de alfabetização mudou conforme os anos foram passando. Até os anos de 1940, ela se limitava ao simples ato da assinatura do próprio nome e da soletração e grafia das letras do alfabeto. A ampliação do conceito de alfabetização inicia a partir dos anos de 1950, em que ocorreu um censo, e só era considerado alfabetizado aquele que fosse capaz de usar a habilidade da leitura e da escrita em práticas sociais. Em 1980, a palavra alfabetização deixou de ser compreendida como ato mecânico de ler e grafar palavras ou frases e passou a se vincular a situações concretas em que a língua escrita se faça presente, como ações de uso social, não se limitando apenas a ações da escola. A partir de 1990, nos censos, passou-se até como critério para ser considerado alfabetizado o nível de escolaridade, que deveria ser no mínimo de três anos de escolaridade.

A partir dessa contextualização, percebemos o quanto o sentido de ser considerado alfabetizado mudou e, conforme a sociedade foi se desenvolvendo, forem-se acrescentando novas habilidades ao seu conceito, sendo esta forma cada vez mais diretamente vinculada ao conceito de letramento.

O órgão público que analisa os índices de analfabetismo no Brasil é o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Ele é responsável, principalmente,

em fazer o censo demográfico, que corresponde a uma pesquisa a qual reúne dados sobre a população. Como podemos observar nas Tabelas 1, no ano de 1999, a taxa de pessoas jovens e adultas analfabetas é maior na região Nordeste, sendo as regiões Sudeste e Sul com os menores índices de analfabetismo.

TABELA 1- TAXA DE ANALFABETISMO DAS PESSOAS DE 15 ANOS OU MAIS IDADES, SEGUNDO BRASIL E GRANDES REGIÕES- 1999.

Brasil e Grandes Regiões	Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade			Taxa de escolarização das crianças de 7 a 14 anos de idade		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Brasil (1)	13,3	13,3	13,3	95,7	95,3	96,1
Norte (2)	11,6	11,7	11,5	95,5	95,3	95,7
Nordeste	26,6	28,7	24,6	94,1	93,2	95,0
Sudeste	7,8	6,8	8,7	96,7	96,6	96,9
Sul	7,8	7,1	8,4	96,5	96,7	96,3
Centro-Oeste	10,8	10,5	11,0	96,0	95,6	96,4

Fonte: Pesquisa nacional por amostra de domicílios 1999 [CD-ROM]. Microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

(1) Exclui a população rural de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

(2) Exclui a população rural.

A Tabela 2 nos mostra a evolução dos índices de analfabetismo no Brasil, através dos censos realizados desde 1940 a 2010, no qual podemos verificar uma maravilhosa melhora de 56,2% em 1940, para 9,6% em 2010, ou seja, a taxa diminuiu 46,6%.

TABELA 2- TAXA DE ANALFABETISMO DAS PESSOAS DE 15 ANOS OU MAIS IDADES - BRASIL 1940/2010

Censos	Taxa de analfabetismo (%)
1940	56,2
1950	50,5
1960	39,6
1970	33,6
1980	25,5
1990	20,1
2000	13,6
2010	9,6

Fonte: IBGE. Censos Demográficos de 1940 a 2010.

Na Tabela 3, podemos ver, de uma forma mais específica, como os índices de analfabetismo diminuíram por estados brasileiros, sendo ainda a região Nordeste que concentra o maior número de pessoas jovens e adultas analfabetas, embora tenha tido uma melhora de 13,6% de diminuição dos índices de analfabetismo.

TABELA 3 – TAXA DE ANALFABETISMO DA POPULAÇÃO DE 15 ANOS OU MAIS – 1995-2011- POR UNIDADES DA FEDERAÇÃO E REGIÕES METROPOLITANAS

	1995	1996	1997	1998	1999	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011
Região Norte	13,3	12,4	13,5	12,6	12,3	11,2	10,4	10,5	13,0	11,9	11,7	11,4	11,2	11,0	10,2
Rondônia	9,1	7,6	10,2	7,6	9,6	10,2	8,6	8,6	10,4	9,9	10,6	9,5	9,2	9,8	9,7
Acre	15,8	17,7	18,3	14,4	15,5	16,7	13,0	16,9	18,1	21,0	17,5	15,7	14,9	16,3	14,4
Amazonas	10,3	9,3	9,6	8,5	8,8	7,7	6,3	6,6	9,0	6,7	7,8	7,9	8,8	7,3	8,4
Roraima	9,1	7,2	12,1	8,2	8,6	11,5	12,1	9,7	10,7	12,5	8,8	11,0	9,7	7,7	9,6
Pará	12,7	12,4	13,1	13,6	12,4	11,2	10,7	10,6	14,6	13,4	13,3	12,7	12,5	12,8	10,6
Amapá	10,7	13,0	11,6	9,1	9,5	7,2	6,2	9,3	8,5	7,4	5,3	7,2	4,7	3,3	7,6
Tocantins	24,6	21,2	23,6	22,0	21,0	18,5	18,1	17,6	17,2	16,3	14,9	14,2	14,4	13,5	12,2
Região Nordeste	30,5	28,7	29,4	27,5	26,6	24,3	23,4	23,2	22,5	22,0	20,8	20,0	19,5	18,8	16,9
Maranhão	31,7	33,1	35,8	29,6	28,8	23,4	22,9	23,8	23,1	23,0	22,8	21,4	19,5	19,1	21,6
Piauí	35,1	34,4	32,7	34,2	31,6	29,4	29,6	28,4	27,3	27,4	26,2	23,4	24,3	23,4	19,3
Ceará	31,5	31,0	30,8	29,6	27,8	24,8	22,6	22,7	21,8	22,6	20,6	19,2	19,1	18,5	16,5
Rio Grande do Norte	29,5	28,4	27,1	26,6	25,5	24,2	22,7	23,4	22,3	21,5	21,8	19,6	20,0	18,1	15,8
Paraíba	32,3	31,3	29,7	28,7	25,9	27,2	27,1	25,2	25,3	25,2	22,7	23,5	23,5	21,6	17,2
Pernambuco	29,8	26,2	26,4	24,4	24,7	22,0	21,6	21,8	21,4	20,6	18,6	18,7	18,0	17,8	15,7
Alagoas	34,8	36,2	36,2	34,7	32,8	30,6	31,2	30,4	29,5	29,3	26,4	25,1	25,7	24,6	21,8
Sergipe	26,3	25,1	25,3	24,1	23,9	21,4	20,2	19,2	19,4	19,7	18,2	16,8	16,9	16,3	16,0
Bahia	28,3	24,5	26,9	24,8	24,7	22,8	21,7	21,3	20,4	18,8	18,6	18,5	17,5	16,9	14,4
Região Sudeste	9,3	8,7	8,6	8,1	7,8	7,5	7,2	6,8	6,6	6,6	6,0	5,8	5,8	5,7	4,8
Minas Gerais	14,1	12,9	13,2	12,6	12,2	11,7	11,1	11,1	9,9	10,1	9,1	8,9	8,7	8,6	7,9
Espírito Santo	14,1	14,1	13,8	12,0	11,1	11,5	10,7	10,3	9,5	8,7	9,5	8,5	8,8	8,5	6,4
Rio de Janeiro	6,8	6,3	6,6	5,9	6,0	5,6	5,2	4,7	4,9	4,9	4,3	4,4	4,4	4,0	3,7
São Paulo	7,7	7,4	6,8	6,6	6,2	6,0	5,9	5,4	5,5	5,4	5,0	4,6	4,7	4,7	4,7
Região Sul	9,1	8,9	8,3	8,1	7,8	7,1	6,7	6,4	6,3	5,9	5,7	5,5	5,5	5,5	4,9
Paraná	11,6	11,7	10,6	10,4	10,2	8,7	7,9	7,8	8,0	7,1	6,6	6,6	6,6	6,7	6,3
Santa Catarina	7,4	7,3	6,6	6,4	6,8	5,9	5,5	5,0	4,8	5,2	5,1	4,4	4,4	4,9	3,9
Rio Grande do Sul	7,8	7,2	7,0	6,8	6,1	6,2	6,3	5,8	5,5	5,2	5,2	5,0	5,0	4,6	4,3
Região Centro-Oeste	13,4	11,6	12,4	11,1	10,8	10,2	9,6	9,5	9,2	8,9	8,3	8,0	8,2	8,0	6,3
Mato Grosso do	13,3	12,4	12,1	11,8	10,9	10,3	9,0	9,6	9,5	9,1	8,5	8,3	8,1	8,7	6,4

Sul															
Mato Grosso	15,3	11,9	14,4	11,2	11,8	11,2	10,2	10,7	10,1	9,7	9,2	10,1	9,6	10,2	7,4
Goiás	15,1	13,2	14,2	13,0	12,5	11,7	11,3	10,9	10,7	10,2	9,6	8,8	9,3	8,6	7,2
Distrito Federal	6,5	6,3	6,0	5,6	5,1	5,5	5,7	4,5	4,2	4,7	3,8	3,7	4,0	3,4	3,1
Regiões Metropolitanas															
Belém	4,9	4,0	5,2	4,9	4,8	4,2	4,7	5,6	5,0	4,3	4,0	4,4	4,2	4,4	3,2
Fortaleza	15,7	14,8	15,6	15,2	14,3	12,5	11,4	12,0	11,6	12,0	11,2	9,8	10,2	9,6	9,2
Recife	14,7	12,3	13,7	12,0	12,0	11,0	10,5	11,4	10,7	9,6	8,6	8,7	8,9	8,2	7,8
Salvador	8,8	7,4	8,2	7,7	7,6	6,7	7,2	7,1	6,8	6,1	5,6	5,3	4,8	5,4	5,0
Belo Horizonte	6,9	6,4	6,8	6,3	6,3	5,7	5,8	5,9	5,6	5,3	5,0	4,7	4,4	4,7	4,1
Rio de Janeiro	5,5	5,0	5,2	4,5	4,5	4,9	4,2	3,6	4,2	3,9	3,4	3,7	3,6	3,2	2,9
São Paulo	6,3	6,0	5,4	5,3	5,1	5,2	4,9	4,6	4,4	4,6	3,8	3,8	3,7	4,2	3,0
Curitiba	7,0	6,3	5,8	4,6	5,1	4,4	4,3	3,6	4,2	3,8	3,4	3,7	3,0	3,4	4,1
Porto Alegre	5,7	5,1	5,5	4,5	4,0	4,2	4,3	3,7	3,6	3,5	3,5	3,5	3,7	3,0	3,0

Colocamos essas três tabelas com o objetivo de mostrar o quanto ainda se faz necessário a melhoria da educação no Brasil, e, principalmente, na região Nordeste e na modalidade de ensino da educação de jovens e adultos, pois, embora esteja já melhorando, ainda há um longo caminho para percorrer em rumo a índices baixíssimos e, para que isso aconteça, precisamos de mais incentivos governamentais, propostas e projetos, e, o principal, docentes qualificados.

2.3. POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Sabemos que a constituição brasileira de 1824 afirmava a garantia da instrução primária gratuita para todos os cidadãos, mas, durante todo o período imperial, ela esteve praticamente ausente (HADDAD, 1987).

No período da Primeira República, foram realizadas muitas reformas educacionais, porém sem efeito prático para a Educação de Jovens e Adultos (HADDAD; DI PIERRO, 2000).

Nessa perspectiva, em 1949, foi realizada a primeira Conferência Internacional de Educação e Adultos, em Elsinore na Dinamarca, num contexto de pós-guerra e de tomadas de decisões em busca da paz. Reuniram-se 106 delegados, 21 organizações internacionais e 27 países, sendo eles: Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, China, Dinamarca, Egito, Finlândia, França, Alemanha, Grã Bretanha, Irã, Irlanda, Itália, Líbano, Holanda, Nicarágua, Noruega, Paquistão,

Suécia, Suíça, Síria, Tailândia, Turquia, Estados Unidos. Logo, o Brasil não participou desta primeira edição, mesmo tendo participado da Campanha em Beirute, em 1948, e de sediar o Seminário Interamericano, em 1949. Quatro comissões de delegados recomendaram: que os conteúdos da Educação de Adultos estivessem de acordo com as suas especificidades e funcionalidades; que fosse uma educação aberta, sem pré-requisitos; os problemas das instituições e organizações com relação à oferta precisariam ser debatidos; que era preciso averiguar os métodos e técnicas e o auxílio permanente; e que é necessário que a educação de adultos seja desenvolvida com base no espírito de tolerância, devendo ser trabalhada de modo a aproximar os povos, não só os governos; e que se levassem em conta as condições de vidas das populações de modo a criar situações de paz e entendimento.

Já em 1958, foi realizada a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, que tinha o plano de oferecer oportunidade de escolarização, em cinco anos, a toda população de 7 a 15 anos, juntamente a serviços assistenciais. “Ambas tiveram vida curta e pouco realizaram” (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 111).

Logo após, em 1960, é realizada a segunda CONFINTEA, em Montreal, Canadá, e seu principal foco de discussão era sobre o papel dos Estados frente à Educação de Adultos. Reuniram-se 47 Estados-membros da UNESCO, 2 Estados como observadores, 2 Estados Associados e 46 ONGs. Logo, cada país membro elaborou seu relatório nacional com base nos seguintes tópicos: Natureza, objetivo e conteúdos da Educação de Adultos; Educação cidadã; Lazer e atividades culturais; Museus e bibliotecas; Universidades; Responsabilidade para com a educação de adultos; Urbanização; Educação das mulheres.

O principal resultado desta segunda Conferência foi a consolidação da Declaração da Conferência Mundial de Educação de Adultos, que contemplava um debate sobre o contexto do aumento populacional, de novas tecnologias, da industrialização, dos desafios das novas gerações e a aprendizagem como atividade mundial.

Mais tarde, em 1972, na cidade de Tóquio (Japão) a terceira edição da CONFINTEA reuniu 82 Estados-membros, 3 Estados na categoria de observador (inclusive Cuba), 3 organizações pertencentes às Nações Unidas, 37 organizações internacionais. Trabalhando as temáticas de Educação de Adultos e Alfabetização,

Mídia e Cultura, apostaram nas premissas de que a Educação de Adultos teria como elemento essencial a aprendizagem ao longo da vida e que seria importante realizar esforços para fortalecer a democracia e preparar o enfrentamento mundial da não diminuição das taxas de analfabetismo. Logo, a educação de adultos é um fator crucial no processo de democratização e desenvolvimentos da educação, econômico, social e cultural das nações, sendo parte integral do sistema educacional na perspectiva da aprendizagem ao longo da vida.

A quarta CONFINTEA foi realizada sob a temática “Aprender é a chave do mundo”. Reuniram-se, em Paris, França, no ano de 1985, 841 participantes de 112 Estados-membros, Agências das Nações Unidas e ONGs. Esse encontro salientou a importância do reconhecimento do direito de aprender como o maior desafio para a humanidade. Entendendo por direito o aprender a ler e escrever, o questionar e analisar, imaginar e criar, ler o próprio mundo e escrever a história, ter acesso aos recursos educacionais e desenvolver habilidades individuais e coletivas, a conferência incidiu sobre as lacunas das ações governamentais, quanto ao cumprimento do direito de milhares de cidadãos terem suas passagens pelos bancos escolares com propostas adequadas e com qualidade. Ao mesmo tempo, o ICAE - Conselho Internacional de Educação de Adultos cria, paralelo a Conferência, um câucus de ONG’s e governos progressivos que se reúnem a fim de concretizar a adesão à Declaração sobre o direito a aprender. Apoiou este movimento os governos da China, Canadá, países Nórdicos, Índia e Liga Árabe.

Mais tarde, realizada em 1997, em Hamburgo (Alemanha) num contexto de continuidade de outras Conferências Internacionais que vinham acontecendo na mesma década, realizou-se a V CONFINTEA. Essa conferência consta na história da EJA de maneira singular, por ter posto em marcha um intenso movimento de preparação mundial com certa antecedência. Ela acontece a partir de um amplo processo de consultas preparatórias (IRELAND, 2000:15) realizadas nas cinco grandes regiões mundiais consideradas pela UNESCO, acrescidas da Consulta Coletiva as ONGs, de onde foram consolidados relatórios para a Conferência Internacional. Sob o tema da aprendizagem de adultos como ferramenta, direito, prazer e responsabilidade, o evento contou com a participação de mais de 170 estados membros, 500 ONGs e cerca de 1300 participantes. Foi uma conferência

onde a mobilização atravessou fronteiras temáticas e de ação: através da liderança do ICAE e alianças com governos progressivos, houve uma intensa mobilização de ONGs e do movimento de mulheres (REPEM E GEO), mesmo que sem direito a voto.

Em 2003, os Estados-membros da UNESCO foram convocados a reexaminarem os compromissos com a EJA firmados na Conferência de 1997. A reunião para o Balanço Intermediário da V CONFINTEA aconteceu em Bangcoc, influenciado pelo clima de Fórum Social Mundial. Este encontro foi uma chamada de responsabilização dos estados membros com a finalidade de implementar a Agenda de Hamburgo e a concretizar a CONFINTEA VI, em 2009. Deste encontro também foi ressaltado a necessidade de criação de instrumentos de advocacia para Educação de Adultos, em nível local e global, em espaços dentro e fora da UNESCO. Nessa reunião, a participação das ONGs foi bastante organizada e, ao contrário de outros anos, os Estados membros não enviaram delegações de alto perfil.

Segundo PIERRO (2001), as políticas educacionais na América Latina e no Brasil iniciaram-se de forma mais evidente nos anos 1990 como um período de reformas nos sistemas públicos de ensino, que estava diretamente vinculada à redefinição do Estado e sobre a orientação de organismos internacionais. Essas reformas foram dirigidas por motivos econômicos e, com isso, procuraram dotar os sistemas educativos de maior eficácia e com menor impacto possível nos recursos financeiros do setor público.

A educação de jovens e adultos é uma necessidade, por garantir um maior acesso ao conhecimento sistematizado pela escola, principalmente da população economicamente ativa, já que a sociedade em que estamos inseridos é capitalista. Este sistema econômico vê a escolarização como uma aliada na preparação de mão de obra. De acordo com que afirma MACHADO (2009), as políticas públicas podem ser consideradas o Estado em atividade, ou seja, em ação, em sua atuação material e implementação na educação compreendida como parte integrante de uma sociedade na qual esta inserida.

3. ALGUNS ESTUDOS SOBRE LEITURA

Segundo KOCH e ELIAS (2006 p. 7), “o texto é o lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos”. Sendo assim, o texto oferece pistas, dos mais variados tipos, para que o leitor possa chegar à ideia que o autor quis propor, quando escreveu, ou seja, o leitor é levado a mobilizar uma série de estratégias, participando de forma ativa da construção do sentido. Uma das definições de leitura destas autoras é que

A leitura é uma atividade que solicita intensa participação do leitor, pois, se o autor apresenta um texto incompleto, por pressupor a inserção do que foi dito em esquemas cognitivos com partilhados, é preciso que o leitor o complete, por meio de uma série de contribuição (KOCH e ELIAS, 2006).

Dessa forma, a leitura requer a participação do leitor, pois, dependendo da concepção de leitura que se tome, a compreensão do que representa o texto e do o que é leitura pode sofrer mudanças. Assim, uma concepção de leitura pode decorrer da concepção de sujeito, de língua, de texto e de sentido que se adote.

Tendo como foco o autor, esta concepção de língua corresponde à de sujeito psicológico, em que o texto é basicamente visto como produto, cabendo ao leitor o papel de captar, possivelmente, o que lê, e a leitura entendida como atividade de captação das ideias do autor, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor.

“... Envolvidos na prática de ler cada vez melhor, de interpretar o que leem, de escrever, de contar, de aumentar os conhecimentos que já têm e de conhecer o que ainda não conhecem” (FREIRE, 2011)

A concepção que focaliza o texto tem como visão a língua escrita, a estrutura do texto, como mero instrumento de comunicação. O texto é entendido como simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor, e a leitura é entendida como uma atividade que impõe do leitor o foco no texto, em sua linearidade.

“... Processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.” (FREIRE, 2011)

Na concepção interacional da língua, os sujeitos são vistos como atores/ construtores sociais. Segundo KOCH e ELIAS (2006), O sentido do texto é construído na interação texto-sujeitos, e a leitura é compreendida como uma atividade de produção de sentidos altamente complexa no final.

A partir dos estudos de KOCH e ELIAS (2006), percebemos o quanto é fundamental dar importância a essas concepções, pois interfere na construção de sentido da leitura. E que a constante interação entre o conteúdo do texto e o leitor é guiada pela intenção com que lemos o texto, com mais tempo ou menos tempo; com mais atenção ou menos atenção; e pelas circunstâncias da leitura, por lazer, para estudar, para ficar informado, para autoajuda; enfim, existem outras circunstâncias.

Outro ponto importante na produção de sentidos para o texto é o fato de que a leitura é uma atividade orientada por nossa bagagem sociocognitiva, ou seja, pelos conhecimentos da língua possuímos e das coisas do mundo. Sendo assim, o sentido de uma leitura não está apenas no leitor, nem no texto, mas sim, na interação autor-texto-leitor, por isso é fundamental que o leitor considere na e para a produção de sentido os “sinais” do texto, que correspondem às orientações do autor, além dos conhecimentos que possui.

Para que não ocorra má compreensão em uma leitura, é preciso que alguns fatores sejam levados em consideração, como o texto. Dependendo de como ele é produzido, pode exigir mais ou exigir menos conhecimento prévio de seus leitores; além disso, os aspectos materiais podem comprometer a compreensão, aspectos estes, como: o tamanho e clareza das letras, a cor e a textura do papel, o comprimento das linhas, a fonte empregada, a constituição de parágrafos muito longos; e os fatores linguísticos podem dificultar a compreensão: o léxico, estruturas sintáticas complexas, orações super-simplificadas, ausência de sinais de pontuação ou inadequação no uso desses sinais.

Portanto, a compreensão de um texto requer diversos fatores, como acima foi citado. Um dos mais importantes fatores para que se obtenha a real compreensão do que está sendo lido não é a de que os conhecimentos do texto e do leitor coincidiam, mas sim, que possam interagir, dinamicamente, ou seja, faz-se necessário, nessa construção de sentido, se levar em conta o contexto, pois, como KOCH e ELIAS (2006) afirmam, “o sentido de um texto não existe a priori, mas é construído na interação sujeitos-textos”.

3.1 A APRENDIZAGEM DA LEITURA

Partimos do pressuposto de que para se ter prazer em ler um texto é necessário que o jovem e adulto entendam o que está escrito, e não somente decodifiquem o texto, mas sintam que o texto traz informações novas, as quais serão compartilhadas com seu novo ouvinte. É necessário que o leitor perceba que o texto sempre tem algo diferente a ensinar ou, simplesmente, informar; e, ainda, que o texto tem uma função social, que é a de levar às pessoas informações, conhecimentos, diversão e fruição.

Falando em leitura, podemos ter em mente alguém lendo jornal, revista, folheto, mas o mais comum é pensarmos em leitura em livros. E quando se diz que uma pessoa gosta de ler, “vive lendo”, talvez seja um rato de biblioteca ou consumidor de romances, histórias em quadrinhos, fotonovelas. “Se passa em cima dos livros”, via de regra estuda muito. Sem dúvida o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita, e o leitor visto como um decodificador da letra. Bastaria porém decifrar para acontecer a leitura? Como explicaríamos as expressões de uso corrente “fazer a leitura” de um gesto, de uma situação; “ler o olhar de alguém”; “ler o tempo”, “ler o espaço”, indicando que o ato de ler vai além da escrita? (MARTINS, 1988)

Sendo assim, ao instituir um ouvinte para a leitura, está se oportunizando uma facilitação dos aspectos acima referidos. Nessa experiência, o docente age como mediador, reformulando ou monitorando o processo de compreensão.

Outro aspecto considerável é a aplicação dos textos para a avaliação da leitura, na qual apresentam três níveis de leitura, ressaltados por (DELL’ISOLA, 1991) em seu livro “Leitura: Inferências e Contexto Sócio-Cultural”. Em primeiro lugar, a leitura objetiva, na qual se aborda o que está explícito no texto, fazendo-se levantamento léxico contextualizado. Em segundo lugar, a leitura inferencial, na qual

o aluno é levado a detectar as inferências, isto é, o que está implícito no texto. O terceiro nível de leitura é a leitura avaliativa, na qual o aluno extrapola o texto, manifestando sua postura crítica, baseando-se nas suas ideologias, seus julgamentos pessoais e suas reações diante das ideias expressas pelo autor. A leitura avaliativa é considerada a “ponte” para produção do texto.

Assim, se o professor conseguir passar da leitura objetiva para a avaliativa estará dando “voz” ao aluno e permitindo que ele seja sujeito do seu discurso.

Em seu livro “O que é leitura” Maria Helena Martins cita três tipos de leitura, são elas: leitura sensorial, emocional e racional. A leitura sensorial corresponde aos nossos sentidos. Ela começa desde de cedo e nos acompanha, portanto, este tipo de leitura permite ao leitor julgar se gosta ou não gosta. A leitura emocional está relacionada aos sentimentos, o que implica a falta de objetividade e subjetivismo. Sendo assim, escapa ao controle do leitor. Já a leitura racional acrescenta os dois tipos de leitura citadas acima. Dessa forma, pode ser classificada como intelectual, estabelecendo um elo entre o leitor e o conhecimento.

3.2 ALGUMAS ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO DA LEITURA

Segundo Kleiman (1997), existem diversos níveis de conhecimentos que participam do processo de leitura, são eles: o conhecimento linguístico, isto é aquele que corresponde ao conhecimento implícito, não verbalizado, que desempenha um papel central no processo do texto, ou seja, relaciona-se ao conhecimento prévio de cada um; o conhecimento textual o conjunto de noções e conceitos sobre o texto; e conhecimento de mundo ou conhecimento enciclopédico, que pode ser adquirido tanto formal quanto informalmente através de nossas experiências e convívio social.

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. E, mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como conhecimento linguístico, textual, e o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. (KLEIMAN, 1997, p.13)

Nos textos consultados, encontramos diversas afirmações de teóricos sobre a importância de algumas estratégias para a melhor compreensão das leituras, pois não basta apenas ensinar o conteúdo, mas promover nos estudantes a consciência dos processos pelos quais se aprende. De acordo com Boruchovitch, (2001, p.19), “um estudante é autorregulado quando é capaz de ser ativo e responsável pelo próprio processo de aprendizagem”.

Muitas vezes, por preguiça ou por falta de tempo, contentamo-nos em ler superficialmente, principalmente quando se trata de assuntos que não nos interessam no momento, como, por exemplo: um discurso político, uma língua não materna, uma conversa, um texto, uma aula expositiva, uma peça musical.

As estratégias de aprendizagem são formas as quais os alunos utilizam para adquirir informações. Existem cinco tipos de estratégias. São elas: estratégia de ensaio: que envolve repetir ativamente tanto a fala como a escrita. Estratégia de elaboração: implica entre o material novo e o material antigo a ser estudado; estratégia de organização: refere-se à imposição de estrutura do material a ser aprendido; estratégia de monitoramento: implica na consciência realista de quando o indivíduo está sendo capaz de captar e observar o conteúdo que está sendo ensinado; estratégia afetiva, que está voltada para os sentimentos, tem que se ter vontade em aprender o conteúdo.

A compreensão em leitura envolve um conjunto de habilidades e outras capacidades do leitor de criar sua própria estratégia para a compreensão, adequando as características do texto e localizando informações relevantes. Ler para compreender requer um engajamento ativo por parte do leitor.

3.3 ASPECTOS DA FORMAÇÃO DE LEITORES

Hoje, entretanto, podemos encontrar pessoas que, apesar de terem tido contato prolongado com escrita alfabética, ou seja, terem sido alfabetizados, não fazem uso efetivo da leitura, no sentido de quem usa para ler e compreender o mundo. Dada tal realidade, nem todos conseguem usufruir das vantagens e até mesmo do prazer proporcionado pela leitura, como é o caso da aquisição de informações, conhecimentos e ideias, de experimentar sensações de prazer e diversão.

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo(KOCH e ELIAS, 2006).

Tendo em vista a complexidade dos fatores envolvidos no ato de ler, é possível identificar uma série de circunstâncias que interferem de modo favorável ou desfavorável, no desenvolvimento de habilidades de leitura e no seu interesse por ela. Como já foi apontado, existem, por um lado, fatores relativos a capacidades cognitivas e a conhecimentos linguísticos, como a identificação e o reconhecimento de palavras, o acesso ao significado, à integração de aspectos sintáticos e semânticos e uma consciência da estrutura fonológica das palavras (LEYBAERT, 1997).

4. UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL

No relato de experiência desse estudo, abordamos o gênero textual cordel como instrumento de uso de incentivo à leitura em sala de aula, com os alunos do Programa Zé Peão. A literatura de cordel, chamada de folheto, é considerada um gênero literário popular de fácil acesso, geralmente escrito de forma rimada. Sua origem começa junto ao movimento romancista renascentista, justamente quando inicia a impressão de relatos orais realizados por trovadores naquela época. Sendo assim, o cordel é chamado dessa maneira por causa da forma de como são vendidos os folhetos em cordões, nas feiras, mercados e praças públicas.

Vale destacar que o cordel é narrado em versos e são, na maioria das vezes, relatos de história populares. Os temas dos cordéis são variados: histórias de reinados, batalhas, animais falantes, acontecimentos, história de amor, etc. As ilustrações das capas dos cordéis são feitas em sua maior parte por xilogravura, que se constitui em uma técnica de gravar na qual se utiliza madeira.

4.1 CONTEXTO HISTÓRICO DO CORDEL

Foram os portugueses que introduziram o cordel no Brasil, que passaram a ser comercializados em feiras populares. Em meados do século XIX, é que começam a ser impressos os folhetos brasileiros com características próprias, que abordavam lendas, fotos do cotidiano, temas religiosos etc.

A literatura de Cordel teve sucesso, em Portugal, entre os séculos XVI e XVIII. Os textos podiam ser em verso ou prosa, não sendo invulgar trata-se de peças de teatro, e versavam sobre os mais variados temas. Encontram-se farsas, historietas, contos fantásticos, escritos de fundo histórico moralizantes, etc., não só de autores anônimos, mas também daqueles que, assim, viram a sua obra vendida a preço, como Gil Vicente e Antônio José da Silva, o Judeu. Exemplos conhecidos de literatura de Cordel são histórias de Carlos Magno e os Doze Pares de França, A princesa Magalona, histórias de João de Calais e A Donzela Teodora (LINHARES, Thelma R. S. 2006)

Nessa perspectiva, a literatura de cordel tronou produção típica do Nordeste, principalmente, nos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Costumava ser vendida em mercados e feiras pelos próprios autores. Atualmente, também, se faz presente em outros Estados, como Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

4.2. ALGUMAS PARTICULARIDADES DO CORDEL

A literatura de cordel é organizada por métrica que é bastante exigente, ou seja, possuem estrofes com o mesmo número de versos e também, versos com o mesmo número de sílabas poéticas. Podendo ser, lido e cantado apresenta algumas modalidades: como em parcela ou verso de quatro sílabas, que era cantada por repentistas, que faziam os versos nascerem numa rápida sequência, que objetivava confundir o oponente; verso de cinco sílabas, que corresponde à parcela de cinco sílabas cantada em ritmo acelerado. Estas modalidades surgiram bem depois das primeiras literaturas de cordel.

Há ainda as modalidades de quadra, que é composta por estrofe com quatro versos de sete sílabas, que foi um das primeiras formas utilizadas; os de sextilha, que é a mais indicada para longos poemas, se constituem em estrofes de seis

versos com sete sílabas cada, e ainda apresenta cinco estilos: aberto, fechado, solto, corrido e desencontrado; os de setilhas, estrofes de sete versos de sete sílabas, que é uma modalidade recente; há também as de oito pés de quadrão ou oitavas, que são estrofe de oito versos de sete sílabas; as décimas, dez versos de sete sílabas; o martelo agalopado, dez versos de dez sílabas; galope à beira mar, com versos de onze sílabas, e a meia quadra ou versos de quinze sílabas.

Segundo SÁ, (2004), as quantidades de páginas de um cordel varia, “os com oito são chamados folhetos, os de dezesseis em diante, sempre em números pares 24, 32, 48, 64 - denominados romances”. Embora a literatura de cordel seja caracterizada pela forte presença da oralidade em seu texto e forma, devido ao fato de serem algumas narrativas de histórias populares, o cordel é especificamente impresso; dessa forma diferenciando-se de outras formas de poesia oral.

5. O CORDEL EM SALA DE AULA: CONSTRUINDO SENTIDOS

5.1 PROGRAMA ESCOLA ZÉ PEÃO

Criado em 1990, o Projeto Escola Zé Peão – PEZP, caracteriza-se como um projeto de extensão desenvolvido através de uma parceria entre o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Construção e Mobiliário de João Pessoa – PB (SINTRICOM) e os professores do Centro de Educação (Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba). O Projeto implantou suas primeiras salas de aulas em canteiros de obra de João Pessoa, em abril de 1991. Inspirada na compreensão de que o alto índice de analfabetismo entre os operários da categoria constituía um impedimento à construção de um sindicato democrático e combativo, e também, uma negação dos direitos do operário como cidadão, a Escola visa a contribuir para educação básica do operário da construção. Sendo assim, esse espaço foi criado com objetivo de socializar informações e partilhar experiências sobre o PEZP e sobre a Educação de Jovens e Adultos.

O programa possui, como equipe pedagógica, dois coordenadores gerais da SINTRICON/UFPB; Três coordenadoras Pedagógicas; Educadores: alunos(as) dos cursos de licenciatura da UFPB; e como EDUCANDOS: Alunos trabalhadores. Os ciclos são divididos em duas etapas: APL (Alfabetização em Primeira Laje) para os operários com pouco ou nenhum domínio de leitura e escrita e TST (Tijolo

Sobre Tijolo) para os operários que já possuem um domínio básico da leitura e da escrita. Ambos os ciclos incluem linguagem e matemática. As aulas acontecem em canteiros de obra, de segunda a quinta-feira, das 19h às 21h. Em cada canteiro, são instaladas salas de aulas APL e/ou TST. Os encontros pedagógicos, para planejamento e discussão da prática pedagógica, acontecem semanalmente; já as reuniões com os representantes de turma são realizadas mensalmente.

Ao longo dos últimos 20 anos, o Projeto Escola Zé Peão matriculou mais de 5.000 alunos e formou cerca de 200 professores educadores. O trabalho tem sido reconhecido e premiado no Brasil e no exterior. Em 2008, o Zé Peão foi escolhido para ser apresentado no Encontro Regional da América Latina e do Caribe, Preparatório à CONFINTEA, na Cidade do México.

5.2 MOMENTO EM SALA

Iniciamos nossa intervenção no dia quatro de julho. Ao chegarmos à escola, fomos apresentados aos alunos e eles a nós. Nesse primeiro momento, fizemos a observação, a partir das atividades realizadas em sala de aula pelos alunos neste dia. Percebemos o grau de leitura em que eles se encontravam. No dia dezessete, percebemos uma redução na quantidade de alunos, pois, no primeiro dia de nossas visitas, a frequência era de quinze estudantes, só que um terço desses alunos foi transferido para outros canteiros de obras e outra parte foi demitida, restando apenas cinco alunos. Mas, mesmo assim, aproveitamos para realizar um momento de interação, com a intenção de conhecê-los melhor, ou seja, saber mais sobre suas histórias, suas vontades, seus medos, seus sonhos, sua origem, e o porquê de se encontrarem nessa modalidade de ensino. Com isso, traçamos um perfil dos alunos e decidimos elaborar um questionário a respeito da leitura de cordel, por se tratar de uma leitura de fácil acesso e compreensão.

No dia vinte e cinco, aplicamos o nosso questionário de pesquisa com perguntas sobre cordel e também sobre a prática de leitura na vida de cada aluno, essas perguntas nos deram embasamento para a construção da atividade sobre a mesma, pois, a partir desses resultados, percebemos que os temas mais lidos eram saúde e humor. Devido a isso e a faixa etária dos alunos, decidimos realizar a leitura de um cordel que contemplasse os dois temas.

Portanto, no dia trinta e um, ministramos nossa aula sobre a literatura de cordel. A aula foi iniciada com um diálogo sobre exame de próstata. Perguntamos como estavam de saúde, se tinham feito o tão temido exame de próstata e se existia algum histórico de Câncer de próstata na família e as respostas foram as melhores, pois eles relataram suas experiências sobre este exame. Percebemos que a maioria dos alunos já havia realizado. Exibimos a imagem do órgão reprodutor masculino, no qual identificaram onde se encontrava a próstata. Logo após esse diálogo, lemos um folheto de cordel com o título: O primeiro exame de próstata, que abordava, de forma bem humorada, a importância de se realizar tal exame e de que ele é uma prevenção para saúde e não a perda da masculinidade, ou seja, o cordel quebrava todo aquele tabu de preconceito. Dessa forma, notamos que os estudantes possuíam conhecimentos prévios a respeito dessa temática e que também dominavam a leitura racional, segundo a qual se estabelece um elo entre o leitor e o conhecimento. Depois, explicamos um pouco sobre a literatura de cordel, parte histórica e estrutural, mostramos um cordel para eles, indicamos alguns filmes e uma novela que se basearam neste gênero literário, fizemos algumas perguntas sobre se eles já haviam assistidos aos filmes que indicamos, quem eram os personagens, se quem assistiu gostou ou não dos filmes. Em seguida, entregamos para os alunos um folheto de cordel também engraçado no qual eles tinham que completar com algumas palavras. Logo após, lemos o cordel com as palavras escolhidas por eles e percebemos que os mesmos demonstraram interesse, compreensão do gênero proposto e que tinham o domínio da leitura emocional, que corresponde aos nossos sentidos, permitindo, ao leitor julgar se gosta ou não gosta. Para finalizar nosso momento em sala, propomos uma culminância com todos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da realização deste trabalho, procuramos refletir sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, sobre o que é assegurado por lei para estes alunos que, na maioria das vezes, não têm oportunidade de continuar o ensino regular pela necessidade de trabalhar, por não mais poderem frequentar as escolas no período da manhã, nem da tarde, por estarem fora da faixa etária dita como certa, são direcionada a procurar a modalidade da EJA. Com a intenção de contribuirmos para esta modalidade, procuramos sensibilizar, de alguma forma os alunos do Programa escola Zé Peão do canteiro de Manaíra, sobre a importância do hábito de ler, utilizando a literatura de cordel como recursos, por ser uma literatura de fácil acesso e de baixo custo, com uma linguagem mais popular.

Vale a pena destacar que os alunos e alunas da EJA carregam uma visão de mundo muito forte, importante, devido aos traços culturais, social e familiar, uma visão concreta vivenciada a cada dia, de acordo com a realidade de cada um, ou seja, aprenderam com a prática do trabalho, das dificuldades existentes, esse olhar que eles trazem revelam diversos sentimentos: sensível, curiosos, explorador etc.

É muito importante pensarmos em habilidades que a escola pode ajudar a desenvolver, mas é preciso conhecer e compreender, para depois nela intervir e, principalmente, explorar o conhecimento que os alunos, trazem. Assim, o trabalho a ser desenvolvido torna-se mais prazeroso. Sendo assim, é fundamental que os docentes estimulem a sede pela leitura, a curiosidade de conhecer o novo e o principal a produção de conhecimento que cada vez mais se amplia.

Com a realização do questionário, traçamos um perfil dos alunos do Programa Zé Peão a respeito do grau de escolaridade e do nível de leitura em que eles se encontravam, e, a partir dessa ação, desenvolvemos atividades voltadas para a realidade deles, ou seja, trabalhamos um folheto de cordel engraçado que tratava dos temas saúde e humor com a intenção de incentiva-los à leitura. A partir de tudo o que foi realizado, da observação do interesse dos educandos e dos resultados obtidos, percebemos que houve a assimilação do conteúdo estudado em sala, observamos o progresso individual dos estudantes aula a aula, que foi positivo, portanto, conseguimos atingir os objetivos propostos.

REFERÊNCIAS

Academia brasileira de literatura de cordel. Métricas do cordel. Disponível em: <<http://www.ablc.com.br/popups/metrica/metrica.htm>>. Acesso em: 10 jul.2013.

Blog Dicas de Saúde-Câncer de próstata: Diagnóstico precoce vem diminuindo mortalidade da doença.Disponível em:

<<http://www.medicsupply.com.br/pacientes/blog/cancer-de-prostata-diagnostico-precoce-vem-diminuindo-mortalidade-da-doenca/>>. Acesso em:27 de julho.2013.

BORUCHOVITCH, Evely. Algumas estratégias de compreensão em leitura de alunos do ensino fundamental. Revista Psicologia Escolar e Educacional. v.5, p.19-26, n.1, jan./jun.2001. Disponível em: < <http://www.abrapee.psc.br/5-1.pdf> >.acesso em: 02 abril.2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Cordel engraçado – O Matuto. Disponível em: <<http://cordelengracado.blogspot.com.br/>>. Acesso em:27 de julho.2013.

COSTA, Antônio Cláudio Moreira. **Educação de jovens e adultos no Brasil: novos programas, velhos problemas**. 2009.

Constituição Federal do Brasil. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CO N1988.pdf>. Acesso em: 18 maio, 2013.

Cruz, Priscila; MONTEIRO, Luciano (Org.). **Anuário Brasileiro da Educação Básica**. Moderna. 2013.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Leitura: Inferências e contexto sociocultural**. Belo Horizonte: Universitária, 1991.

Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos do Estado do Paraná.

Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_eja.pdf>.

Curitiba, 2006. Acesso em: 18 maio, 2013.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível

em: **<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf>.** Acesso em: 18 maio, 2013

Educação e Condições de vida. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/tabela3.shtm>>. Acesso em: 19 maio, 2013.

Evolução Demográfica 1950-2010. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000000403.pdf>>. Acesso em: 19 maio, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.**

51.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Educação de jovens e adultos – Um cenário possível para o Brasil.**

IRELAND, T. D. Desafios e perspectivas para a América Latina. Apresentação.

Disponível em: **<<http://www.mec.es/educa/rieja/>>.** Acesso em: 19 maio, 2013.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura.** 5.ed. Campinas/ Pontes, 1997.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS; Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2006.

LEYBAERT, J.; ALÉGRIA, J.; DELTOUR, J.J.; SKINKEL, R. **Aprender a ler: o papel da linguagem, da consciência fonológica e da escola.** In GRÉGOIRE, J.;

PIÉRART, B. **Avaliação dos problemas de leitura: os novos modelos teóricos e suas implicações diagnósticas**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1997, p. 143-166.

MACHADO, Maria Margarida. A educação de jovens e adultos no Brasil pós-Lei nº 9.394/96: a possibilidade de constituir-se como política pública. Vol.22, No 82, 2009.

Disponível

em:<<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1576/1268>>. Acesso em: 25 maio, 2013.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

O que é a Próstata e o seu Exame. Disponível

em:<<http://www.uro.com.br/prostexto.htm>>. Acesso em: 27 de julho, 2013.

PIERRO, Maria Clara Di. Descentralização, focalização e parceria: uma análise das tendências nas políticas públicas de educação de jovens e adultos. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000200009>. Acesso em: 19 maio, 2013.

Resolução cne/ceb nº 1, de 5 de julho de 2000. Disponível

em<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ceb012000.pdf>>. Acesso em: 18 maio, 2013.

SÁ, Elisângela Santos de. O Fantástico e o Maravilhoso no cordel O Monstro sem Alma de João Firmino Cabral. Ribeirãopolis–SE, maio, 2004. Disponível em: <

<http://pt.scribd.com/doc/27986470/A-Origem-Do-Cordel-Monografia-Patos>>.

Acesso em: 06 jul. 2013.

Significado de IBGE. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/ibge/>>.

Acesso em: 19 maio, 2013.

Significado de xilogravura. Disponível em:

<<http://www.infoescola.com/artes/xilogravura/>>. Acesso em: 07 jul. 2013.

SILVA, José Barbosa. **Conceitos e métodos: quiproquó da alfabetização.**

Sinopse do filme Lisbela e o Prisioneiro. Disponível em:

<<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-202191/>>. Acesso em: 27 de julho. 2013.

Sinopse e Analogia do filme Auto da Compadecida. Disponível em: <

<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/Sinopse-e-Analogia-Do-Filme-Auto/76921.html>>. Acesso em: 27 de julho. 2013.

Sinopse do filme O Coronel e o Lobisomem. Disponível em:

<<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-202041/>>. Acesso em: 27 de julho. 2013.

SOARES, L. e RODRIGUES SILVA, F. Educação de Jovens e Adultos: preparando a VI CONFINTEA e pensando o Brasil. Disponível em:

<http://www.reveja.com.br/revista/2/artigos/REVEJ@_2_Leo_Fernanda.htm>. Acesso em: 19 maio, 2013.

Só cordel - O Primeiro Exame de Próstata. Disponível em: **<<http://so-cordel.blogspot.com.br/>>.** Acesso em: 27 de julho. 2013.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2000.

ZORZI, Jaime L. et al. Aspectos da formação de leitores nas quatro séries iniciais do primeiro grau. CEFAC- Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica. p.1-15. Disponível em:

<<http://www.cefac.br/library/artigos/068647348fc0c6a6490a9e2b90394eaa.pdf>>. Acesso em: 01 março. 2013.

ANEXO

Universidade Federal da Paraíba
Curso de Pedagogia

Prezado (a) aluno (a), somos estudantes do 8º período de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, e estamos fazendo uma pesquisa. Necessitamos de sua atenção para preencher este formulário. Com este questionário, pretendemos verificar ações e concepções do processo de leitura. Desde já agradecemos a colaboração e garantimos o sigilo dos dados.

Idade: _____ **Série:** _____

1- Você sabe ler?

() sim () não

2- Se caso afirmativo, você gosta de ler?

() sim () não () às vezes

3- Se caso afirmativo, o que você costuma ler?

() revistas () jornais () livros

4- Você tem o hábito de ler?

() sim () não () às vezes

5- Quais tipos de assuntos ou temas você mais gosta de ler?

() saúde () educação () alimentação () política
() religião () televisão () beleza () carros
() música () humor () culinária () tecnologia
() atualidade () moda () esportes () ficção

6- Você conhece o gênero cordel?

() sim () não

7- Se caso afirmativo, você gosta de cordel?

() sim () não

RESUMOS UTILIZADOS PARA CONTEXTUALIZAR

O Cordel

A literatura de cordel, também podendo ser chamada de folheto, é considerada um gênero literário popular de fácil acesso. Tem esse nome por ser vendido pendurado em cordas. Geralmente escrito de forma rimada, o cordel é narrado em versos, e são, na maioria das vezes, relatos de história populares. Os temas dos cordéis são variados: histórias de reinados, batalhas, animais falantes, acontecimentos, história de amor, etc. As ilustrações das capas dos cordéis são feitas em sua maior parte por xilogravura, que se constitui em uma técnica de gravar na qual se utiliza madeira. O cordel é mais encontrado no Nordeste, principalmente nos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Costumava ser vendido em mercados e feiras pelos próprios autores. Atualmente, também se faz presente em outros Estados, como Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paulo.

O Auto da Compadecida 2000

No vilarejo de Taperoá, sertão da Paraíba, João Grilo (Matheus Nachtergaele) e Chicó (Selton Mello), dois nordestinos sem eira nem beira, andam pelas ruas anunciando A Paixão de Cristo, "o filme mais arretado do mundo". A sessão é um sucesso, eles conseguem alguns trocados, mas a luta pela sobrevivência continua. João Grilo e Chicó preparam inúmeros planos para conseguir um pouco de dinheiro. Novos desafios vão surgindo, provocando mais confusões armadas pela esperteza de João Grilo, sempre em parceria com Chicó, mas a chegada da bela Rosinha (Virgínia Cavendish), filha de Antônio Moraes (Paulo Goulart), desperta a paixão de Chicó, e ciúmes do cabo Setenta (Aramis Trindade). Os planos da dupla, que envolvem o casamento entre Chicó e Rosinha e a posse de uma porca de barro. Em de seus golpes, em se envolvem com Severino de Aracaju (Marco Nanini), um temido cangaceiro, que os persegue pela região, e alguns dos personagens são mortos. Uma vez mortos, serão julgados, por Jesus (Maurício Gonçalves) e acusados pelo diabo (Luis Melo), quem os salvam do inverno é Nossa Senhora (Fernanda Montenegro). Com uma mistura de drama e comédia, o filme também aborda aspectos culturais e regionais do Nordeste do Brasil.

Lisbela e o Prisioneiro 2003

Lisbela (Débora Falabella) é uma moça que adora ir ao cinema e vive sonhando com os galãs de Hollywood dos filmes que assiste. Leléu (Selton Mello) é um malandro conquistador, que, em meio a uma de suas muitas aventuras, chega à cidade de Lisbela. Após se conhecerem, eles logo se apaixonam, mas há um problema: Lisbela está noiva. Em meio às dúvidas e aos problemas familiares que a nova paixão desperta, há ainda a presença de um matador (Marco Nanini) que está atrás de Leléu, devido a ele ter se envolvido com sua esposa (Virginia Cavendish).

O Coronel e o Lobisomem 2005

Ponciano de Azeredo Furtado (Diogo Vilela) é um coronel de patente e fazendeiro por herança que luta contra seu irmão de criação, Pernambuco Nogueira (Selton Mello), para manter as terras da Fazenda Sobradinho e conquistar o coração da prima Esmeraldina (Ana Paula Arósio). Para vencer essa batalha, Ponciano precisa enfrentar feras, agiotas e ladrões, além de se envolver com a vida boêmia da cidade e ainda espantar assombrações.

Novela Cordel Encantado 2011

A história se passa na cidade fictícia de Brogodó, localizada no Sertão Nordeste e aborda o triângulo amoroso entre Açucena, Jesuíno e Timóteo, que é obcecado por Açucena desde criança e tem uma inveja obsessiva de Jesuíno, querendo ser como ele. Jesuíno e Açucena são apaixonados desde criança, já que foram criados juntos. Eles enfrentarão toda maldade para poderem se casar e ficar juntos. O amor deles é mais forte que tudo. Timóteo tem inveja de Jesuíno desde criança, pois o pai de Timóteo, Coronel Januário, é padrinho de Jesuíno. Açucena mora com seus pais adotivos, Virtuosa e Euzébio, e com seu irmão Cícero. Porém, Açucena desconhece sua verdadeira origem e não sabe que é uma princesa, filha de um rei, chamado Augusto Frederico III.

A Próstata

A próstata é um órgão exclusivo do sexo masculino. Está localizada abaixo da bexiga, na frente do reto. No homem adulto, a próstata tem o tamanho aproximado de uma ameixa, pesando cerca de 20 gramas. Ela envolve a uretra, que conduz para fora a urina que se acumula na bexiga, fazendo parte do sistema reprodutor masculino. A próstata nunca dói. Por isso, só é possível saber se ela está com problemas por meio de exames médicos. O grande segredo para prevenir qualquer doença ou, pelo menos, para minimizar seus problemas, é sempre procurar orientação médica.

O Exame

O Exame de próstata inclui o toque retal e o exame de sangue. Ele deve ser feito todos os anos a partir dos 45 anos de idade, especialmente quando há história familiar desse tipo de câncer. Durante o exame, a próstata é apalpada de modo a se poder identificar a presença de um nódulo que, em caso afirmativo, deve ser tratado. O exame de sangue avalia a presença do antígeno prostático específico (PSA), e também pode ser uma forma de diagnosticar o câncer de próstata. Após a apalpação de um nódulo na próstata, o homem deve ser submetido a uma ultrassonografia, seguida de biópsia da próstata, para diagnosticar se ele é maligno ou benigno.

CORDEL HUMORADO

O PRIMEIRO EXAME DE PROSTATA



Nicanor fez quarentão
E ficou bem agoniado
Inquieto e sem lugar
Bastante preocupado
Sabia que era momento
Para alguns um sofrimento
Um médico tinha marcado

É que nesta idade
Para o devido cuidado
Um exame de próstata
No homem é necessário
Ele é de prevenção
Para quem tem preocupação
De um câncer ser evitado

Ele guardara segredo
Pois é uma coisa delicada
Se contasse aos amigos

Seria motivo de risada
Pois todos iriam saber
O que ia acontecer
Ia ganhar uma dedada

Já lhe haviam contado
Como é o procedimento
Mas não estava preparado
Para o delicado momento
É que não conhecia o doutor
Por isto medo e pavor
Era o seu sentimento

A maior preocupação
Que se via no seu rosto
Fazer um exame necessário
Mesmo a contra gosto
Se o médico era miudinho
Assim seria magrinho
Para não ter o dedo grosso

Chegado o dia do exame
Entrou na sala reprimido
Entregou os documentos
Num canto ficou encolhido
Todo medico que passava
Para o dedo Nicanor olhava
Se era grosso ou comprido

Foi uma infinidade
Até sua hora chegar
Não estava aguentando
De tanto esperar
Pensava com certo medo

Imaginando qual era o dedo
Que ia lhe cutucar
A moça então disse

- Sr. Nicanor pode entrar
A sala é a esquerda
O médico esta a esperar
E ele meio sem querer
Chegou da porta para ver
Quem ia lhe consultar

E quase desistiu do exame
Quando viu o doutor
Fez cara de espanto
Ao mesmo tempo pavor
É que ele era grandão
Tinha um enorme dedão
E imaginou sua dor

- Sente-se fique a vontade.
Disse o médico educado
Olhando só para o dedão
Nicanor ficou incucado
Pensando como ia ser difícil
Introduzir no seu orifício
E ainda ficar machucado

Pegando a ficha do paciente
Disse o doutor apressado
- Abaixе as calças e a cueca
E me espere ali deitado
Chegada a hora fatal

Momento do toque retal
No traseiro do pobre coitado

Nicanor suava frio
Pacato e bem inibido
É que para estranhos
Nunca tinha se despido
Pedi u a Deus para ajudar
Se não o dedão ia chegar
No fundo do seu umbigo

- O Sr só tem quarenta?
Não precisa a roupa tirar
Ainda não tem idade
Para a próstata tocar
Um exame vou pedir
Para no sangue medir
O seu nível de PSA

Nicanor respirou fundo
Ficou bem aliviado
Pegou a guia do exame
E saiu bem apressado
E aprendeu a lição
Para quando for cinquentão
Tomar o devido cuidado

ATIVIDADE REALIZADA EM SALA

O MATUTO

Eu já um cabra taludo
De barba e _____
Frouxo que nem um fole
Que mais parecia um bode
Mais já quase ficando careca
Nunca tinha usado _____
Nem prumode ir pra cidade
Só adespois que comecei
A namorar Benedita
Comprei quinze metros de chita
E mandei a véia Lora
Desmanchar tudim em cirolas
Pois num que o namorado
As vezes precisa andar _____
E a cueca esconde um _____
Num Domingo bem cedim
Fui à casa da namorada
Lá no meio do caminho
Tive então que parar
Prumode um telegrama passar
Corri pra detrás de uma moita
E pra cueca não se sujar
Tive então que pendurar
Adespois que terminei o serviço
Novamente me _____
E por não ser acostumado
Da cueca me _____
Amontei no meu jegue _____
E quando cheguei lá
Benedita e sua mãe Expedita

Me mandaram eu _____
Me deram um tamborete de assento de couro
Só que o danado tava furado
Só deu tempo eu me _____
Pros documento arriar
Daqui a pouco ouço a véia _____
Valei meu são Gonçalo
Arrepare o papo do _____
A véia chamou a fia e disse
Vai conversar com o rapaz
Que eu vou aqui por detrás
Benedita com umas conversas bonitas
Nessa hora que senti um repuxão tão grande
Que fui na lua e _____
Benedita me alisava
E a véia puxava
Despois de muito chamego e sofrimento
Eu ouço a véia dizer
Aqui no papo deste galo
Eu não tô vendo _____
A não ser dois ovinhos de _____
Desse dia pra cá
Sempre irei _____
Da cueca colocar

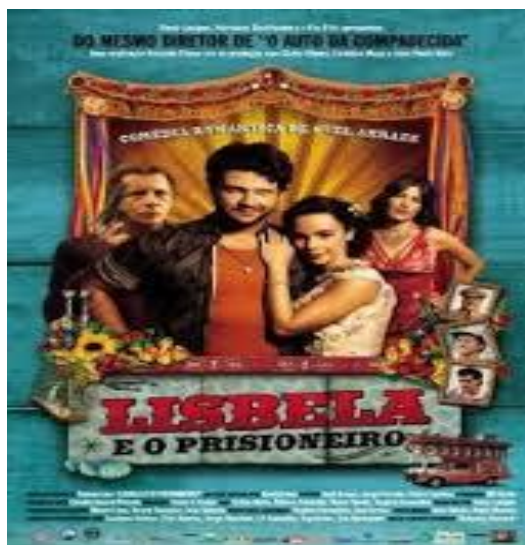
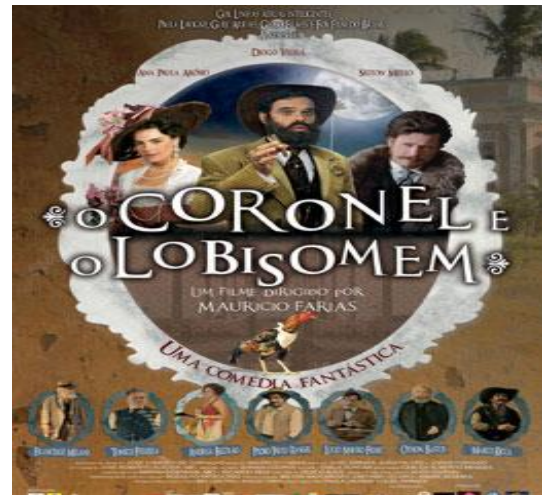


FIGURA 1: Filmes e uma novela indicados aos alunos que de alguma forma têm personagem de cordéis ou que foram baseados em cordéis.

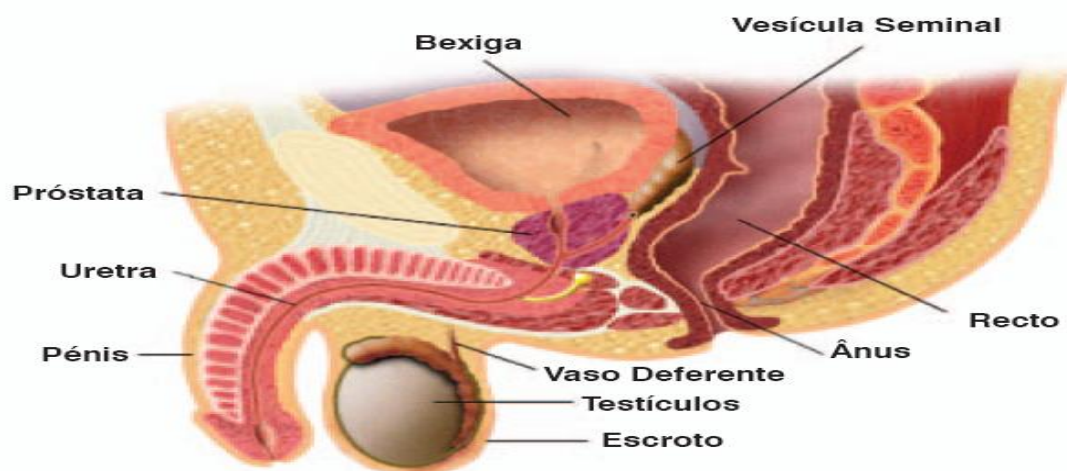


FIGURA 2: Imagem interna do aparelho reprodutor masculino



FIGURA 3: Fotos da realização das atividades sobre o cordel com os alunos do Programa escola Zé Peão- Canteiro de Manaíra.



FIGURA 4: Fotos da culminação e encerramento dos estágio V com os alunos e como o professor do Programa escola Zé Peão- Canteiro de Manaíra.